PATRIMÓNIO DOS POBRES

O mês de Maio promete ser farto de entregas. Que me lembre são dez em Montemor-o-Novo, quatro no Bombarral, seis Torres Novas, Madalena outras tantas, Gulpilhares e Valadares cinco, Fontelas duas, Miragaia vinte oito, Ramalde doze, Cantanhede e mais.

Não devem contar comigo. Não faço ali falta.

ornãe, lti-

:ai-

bol

endos ito. dão

jas, Iras

em.

do

do

OS

s e ho

jo do

lio

do

er, da

os tìlari-

no

0

ão

se

ım

m

gir

ies

OS

le,

es

áão ão

0

lida da

S.

O pároco da formosa vila de Trancoso, fez entrega das primeiras num terreno de dois hectares oferecido por um trancosense residente em Lisboa, o qual deu também vinte e quatro contos para elas. Ele vai semear aquele terreno de casas gêmeas e limpar os tugúrios de dentro da vila. Assim o diz a urgência de casas, o zelo do pároco e o entusiasmo do povo.

Na cidade da Guarda, lavra incêndio posto pelos vicentinos. A procissão leva três casas do clero e o Senhor Bispo também vai com duas. Caso inédito! Farta. Forte e Bonita. Tire-se-lhe o feia.

Aqui perto de nós na vila de Paredes, o pároco tem dinheiro e terrenos para começar a construir. Oito diz ele e eu digo que muitas mais. Tantas quantas. Porquê? Porque é no altar. É no altar, à estação da missa e ali é o sítio. No domingo imediato à visita pascal, aquele sacerdote levanta a voz e pede aos da comitiva que digam. Que falem: lojas e cortes aonde entravam com a Cruz e os habitantes beijavam cristamente, ajoelhados em jornais velhos! A verdade toda e sempre. O altar é o lugar dela. O povo gosta de ouvir. Enche-se, Acredita. Realiza. É a acção. Esta mesma verdade nos livraria de tanta miséria desnecessária e imerecida, se os fiéis de todas as paróquias, em lugar de esconder, se juntassem todos para tirar a crosta às feridas... Oito casas? Não senhor. Muitas. As que forem precisas.

Alguns que nos escrevem sobre o auxílio do Terreiro do Paço, deixam ver por entre linhas o engano em que estão, pelo que temos de esclárecer. Não se trata de maneira nenhuma de uma coisa oficial. O senhor engenheiro Arantes e Oliveira vai na procissão com 500 contos e mais nada. Aquela soma, segundo Ele e eu, é para me colocar na posição de prosseguir como até aqui temos feito e não faltar aos sacerdotes e

vicentinos de boa vontade. Desde que tudo é deixado ao nosso critéria e porque não será possível com aquela quantia ir a todos, não se admirem se dermos preferência às terras mais pobres. Nos distritos da Guarda, Viseu e Castelo Branco, a falta de casas é angustiosa. O povo não tem recursos. Eu sei de uma terra aonde todos se juntaram para remediar um e nem para as paredes! Tudo pobres. É precisamente destas províncias que vai a orda dos miseráveis causar dificuldades aos que mandam em Lisboa. Ora uma casa pequenina entregue a uma família, prende à terra essa família. Eis aqui a nossa razão. Aqui a nossa preferência. Nas terras afortunadas, recorra-se aos homens de fortuna. Visto como o fundador de uma obra é o seu melhor intérprete, aqui se torna público que uma das razões foi justamente o ajudar os chamados ricos a darem bom emprego aos seus dinheiros. Eu quis interessar todos os portugueses numa empresa humana de que não há memória. Subindo mais um degrau na ordem de afirmações, eu procurei o bem de cada um, feito a si mesmo, com os seus proprios bens. E se me é lícito chegar à última afirmação, eu quero que todos se salvem. Eis aqui a última razão do Património dos Pobres. Que ela seja a luz do século.

Tive pena de não estar presente na semana da Campanha da Habitação em Lisboa, realizada entre os Estudantes Universitários. No dia da abertura, à hora em que o Padre Carlos começava, no Instituto Superior Técnico, a falar aos novos Engenheiros, as asas da América punham-me em menos de quatro horas em Santa Maria. Paciência! No hotel «Terra Nostra» pensei quão fácil é esquecer a existência dos famintos e encurralados e até do próprio Deus. Ao liquidar a conta, ainda recebi um valioso donativo. Mais um salto entre as ilhas e eis-me em Ponta Delgada, sem ter gasto um centavo das esmolas que nos dão. Lá vai tempo em que me foi recusado um «passe» no chora-chora de Coimbra. O Não daquele tempo deu neste deixa passar que é dos poucos que trabalham. A um não dolorosamente sentido, segue-se sempre um rosário de muitos sins. Outro não foi a casa de Ponta

Outro não foi a casa de Ponta Delgada. Três anos de espectativa inútil. Na hora em que se ia pronunciar o não podemos continuar, apareceu uma quinta comprada e já paga por oitocentos contos e mais cento e cinquenta contos para adaptação e mais cin. quenta para as primeiras culturas

lqui, LISBOA!

Honra seja à Junta que tão felizmente nos deu este Simi

Agora, difícil se torna dizer do entusiasmo contagioso do Padre Elias. Plantações, sementeiras, ruas, ermida, escolas, campos de jogos, oficinas — tudo se entrechoca naquela cabeça, roubando-lhe muitas noites de sono. Só quem lida com Rapazes, sabe apreciar o valor imprescindível desta riqueza. Ainda um dia se hão-de varrer das cidades todos os asilos e supostas casas de educação de crianças pobres.

Pouco mais fui fazer do que congratular me com o Padre Elias, com os Rapazes e com a boa gente

de S. Miguel.

Ainda durante a estadia, por mais do que uma vez, o telefone clamava: querem dar uma quinta de oitenta alqueires!! O entusiasmo dos que trazem a notícia, vem quebrar-se na indiferença de quem não ata nem desata. Só se fosse para repartir pelos Pobres... Que a desgraça de muitos, são os latifundios. A divisão da grande propriedade, feita por amor, evitaria tanto ódio e tanto sangue!

No regresso, renovam-se as manifestações de simpatia para com a Obra. Santa Maria é um pequeno condado cristão. Se me fosse dado escolher residência, fixá-la-ia naquela Ilha. O nome, o amor fraterno que ali reina, a candura das crianças que nos rodeiam, a suficiência, a ordem e paz... Quando os povos desiludidos de todos os erros e teorias sociais que têm experimentado, quiserem encontrar o caminho de felicidade que ambicionam, podem ir estudar ali a civilização cristã, a única que vale. É tudo tão simples!

De novo em Lisboa, tomei conhecimento dos resultados da Semana de Estudo. Padre Carlos percorrendo cada uma das Faculdades, pegou o fogo. Na Sociedade de Geografia o sopro do Padre Américo passando por sobre as brazas, deixou tudo a arder. A Campanha está feita. Resta aguardar a hora da abertura das portas de Lisboa. O não de há tempos da Câmara de Loures, deu agora numa profusão de genero-

(Continua na terceira página)

NOTA DA QUINZENA

Ontem era a hora do meu chá aparece à porta da cozinha uma rapariguita de nove anos, lenço atravessado no peito. Mando entrar. Ofereço-lhe leite quente ao que ela responde que não: fas-me mal. Tento chá e ela aceita. Ali junto de mim fez sopas do meu chá muito bem acucarado. Notava-se nos seus ofnitos a deficia do momento. Trazia na mão um papel azul de 25 linhas aonde a Comissão local de Assistência declarava por sua honra que a mãe da pequenita é econòmicamente incapaz de prover às necessidades de sua filha, a qual vai dar baixa num hospital e sofrer uma operação. Todas aquelas palavras são perdidas. O sentido delas também não se aproveita. Econômicamente débil, é a cortina que hoje

encobre tremendas responsabilidades. A pequenina de nove anos andou de porta em porta a mendigar os precisos para dar baixa ao hospital. Ela, a doente! Ela, de nove anos! Tomou do meu chá e não lhe dei mais nada. Recuso-me. Não me conformo. Não quero ser conivente. Se um dia me chamassem para membro destas Comissões eu responderia imediatamente que não sei mentir.

Muitas vezes aqui tenho trazido casos da mesma natureza; nunca, porém, nenhum outro como
este me fez doer o coração. Porquê? Por causa da inocente. A
inocente ao serviço da Comissão
de Assistência. A doente pequenina a ir de porta em porta, mendigar o que por justiça lhe devem!

COLISEU!

Realiza-se no dia 2 de Junho no Coliseu do Porto a nossa festa anual. Quem quiser ver o bom e o bonito, feche a porta da rua e venha.

COLISEU!

SURRIBADORES

A caminho de Trancoso em servico do Património, tive ocasião de passar e demorar-me um nada num povo muito pobre, aonde as casas são de pedra sem mais nada, tendo por mestre e pastor um sacerdote da Santa Madre Igreja, Somos conhecidos. Ele tem-se por padre da rua. Bebe da nossa água. A sombra da obra, tem posto óculos de ver ao longe e feito espantosa cultura dos talentos que Deus lhe deu. Bendito seja o Senhor Deus de Israel.

Condoído da sorte das crianças da escola, dá a cada uma e todos os dias uma refeição quente. Nunca ninguém falta, sinal evidente de que não vi caldo em casa dos seus pais Para os livrar do inverno, o padre Duarte arranjou uma gabardine para cada um. Quê? Sim. Sacos de serapilheira dobrados, que se guardam no refeitório e servem em dias de chuva. Que refeitório é este? Uma velha dependência da igreja, aonde eram carcaças de andores. A Autoridade condenaria, sim, mas ali tem algo que supre e supera. Padre Duarte tem um serviço de assistência imediata e urgente aonde vem um médico periòdicamente, livrando assim o seu rebanho de caminhar dez quilómetros por uma injecção ou consulta, na sede do concelho. O mesmo sacerdote acaba de obter por compra uma casa antiga em bom estado, aonde vai fazer um Calvário. Loucuras sobre loucuras! E quem quiser ficar a saber como é verdade que o amor do próximo nos conduz necessàriamente ao esquecimento de nós mesmos, vá ver a casa aonde ele mora e experimentar o que ele come. Finalmente e como não podia deixar de ser, o pároco de Fontelo tem na sua paróquia casas do Património.

Sem falar de outros que se encontram de premeio, que tantos são, e como hoje me quero dar ao heroísmo do padre que sabe empobrecer para enriquecer almas, vamos falar de um seu colega de aqui bem perto, o qual também se chama e tem por padre da rua. Este tem mais do que o outro, o privilégio de haver feito longas estadias em camas dos sanatórios. È doente. Sabe mais do que nos e a sua acção é mais poderosa. Também são de pedra sem mais nada, as casas do povo que ele rege. Mantem um dispensário, aonde o António Leão de Baltar dá consultas de muitas horas, periddicamente. Não falta a casa do Património. Um lactário também, creio que ánico em Portugal na sua força de higiene e simplicidade: o leite anda no úbere das vacas. As mães vão por ele às horas combinadas, padre Aires paga aos lavradores e arrumou. Quantas crianças tem ele livrado da mortel No meio da grande pobreza do seu povo, recrutou e fez vicentinos. É dele esta lição. Vem numa cartinha que acabamos de receber: «muito latim empreguei eu para a nossa conferência passar a socorrer uma solteira, mãe de cinco filhos. Mais latim, para a vicentina designada aceitar o encargo da visita semanal; e todo o meu latim, para se continuar a socorrê-la por amor de Deus. É uma desgraçada, sempre agarrada de alma e coração, ao pai dos filhos, também solteiro. Não tem carácter. É ladra e tem uma língua de metro. Só por amor de Deus.» Nunca se viu tão de mãos dadas e num só amor, o do próxi-

mo mai·lo de Deus. Mais do que vicentinos, eu estou muito contente por que esta lição do padre Aires vai ser lida e meditada nos seminários da nossa terra. Muitos seminaristas, agora, aparecem por aqui. Os superiores de alguns seminários, querem-nos ver lá; sem darem fé de que nos já lá estamos...! Temos tido notícia de conquistas extraordinárias e recentes: aonde o Gaiato não podia entrar, hoje é o livro da mesa, sim; muito contente. E um padre quem fala e não diria tanto nem tão bem, se não tivesse de Cristo o que acima nos diz a respeito da pecadora. Nós não podemos revelar Cristo, se Ele primeiramente se não revelar a nos. E so depois disso que somos capazes de dizer d'Ele o que sabemos; e sem essa revelação a nossa palavra não aquece nem converte.

Mas isto que se diz é nada. O ponto culminante vem agora. Como é que num aglomerado tão reduzido o zelo do apóstolo acha um tamanho assunto?! Ora leiam o Relatório:

«Presidente Nacional da Obra das Mães pela Educação Nacional

Sendo uma das minha maiores aspirações melhorar as condições do trabalho feminino nesta terra, porque, além de constituir uma obra de misericórdia, está implicada a moralização da mulher, re-solvi apresentar a V. Ex.a um in-quérito que realizei sobre o trabalho feminino em Ordins e Ribas,

onde sou capelão. Desta forma, espero que o Organismo oficial, a que V. Ex.a altamente preside, volte, para este meio rural tão necessitado, as suas atenções, logo que possível, como V. Ex.a já me prometeu.

> Trabalho feminino em Ordins e Ribas, freguesia de Lagares—Penafiel:

a) Número: há 28 em Ordins 1) Fiandeiras de linho e 13 em Ribas.

b) Tempo de trabalho: as meadas pesam cada uma 1 kg. e, por vezes, 1,500 kg. Uma meada de 1 kg. de estopa ou tomentos leva 8 dias a fiar. As de linho fino levam mais tempo.

c) Salário: por uma meada de linho fino, um alqueire de milho; por uma de linho cheio, meio alqueire; por uma de estopa delgada, meio alqueire; por uma de estopa grossa ou de tomentos, uma quarta de alqueire.

São raras as casas que, além da paga, dão a «merenda», constituída, como é costume, por um pouco de pão e uma malga de fei-

2) Fiandeiras de cabelo de cabra a) Número: há em Ordins 10 e em Ribas uma.

b) Tempo de trabalho: em regra, a fiandeira fia 1 kg. de cabelo por semana, ou sejam 2\$00 secos diários.

c) Salários: 12\$00 por cada quilograma.

3) Jornaleiras a) Número: há 11 em Ordins e 11 em Ribas. b) Salário: 3\$00 diários e de comer.

4) Costureiras a) Número: há apenas, em Ordins 6.

b) Salário: cerca de 10\$00 diários, a seco.

5) Criadas de servir a) Número: há 32 raparigas de Ordins e 10 de Ribas, a servir, fora desta freguesia.

6) Leiteiras a) Número: há, apenas, 4 leiteiras em Ordins. b) Transporte do leite a Lagares: 1\$30 diários, a seco.

Transporte da manteiga a Valpedre: 1\$60, a seco, em dias alter-

7) Tecedeiras a) Número: há, apenas, duas em Ribas. b) Salário: tecem um «ramo» por dia, ou sejam 8\$00 secos.

Conclusão 1) Nota-se um grande êxodo das raparigas para outras terras, logo após a 3ª. classe da Instrução Primária, com gravissimas consequências:

a) a criança não está ainda educada;

b) a criança saíu de casa, sem aprender certos trabalhos domésticos que nunca mais aprenderá e, mais tarde, quando casar, necessitará de saber. Há aqui criadas de servir que casaram e não sabem fiar, nem remendar uma roupa;

c) adquire certos hábitos de luxo, que, depois, não pode manter e não adquire, muita vez, hábitos de economia;

d) fica moralmente desamparada e, por vezes, perde a honra.

2) Os ordenados são muito baixos, até mesmo deshumanos. Não admira que a saúde física e, até, moral se ressintam. O dispensário Médico de Ordins é frequentado quase só por mulheres. O número de filhos ilegítimos

TRIBUNA DE COIMBRA

Acabo agora mesmo de chegar da visita à abandonada de oito filhos. Hoje, naquela casa, tudo era escuridão e tristeza.

Cá fora, Coimbra vestiu-se de grande gala para receber daqui por poucas horas os dois grandes Presidentes de Portugal e do Brasil. São as duas Pátrias irmãs, ou melhor, mãe e filha, que se juntam e se abraçam. Deus queira que seja abraço de paz, justiça e amizade eternas. Até o sol que ontem foi tão trovejado, hoje des-

pertou alegre e festivo.

Da primeira vez, quase há cinco anos que a Tribuna falou daquela família, muitos leitores se deixaram ferir e têm marcado presença. Então eram oito filhos à volta da mãe, sendo os dois mais velhos tuberculosos. De então até agora aquela casa tem sido um contínuo altar de imolações e sacrifícios. Só um filho de quando em quando ganhava. Agora no pequeno espaço de vinte e sete dias. Deus levou dois dos mais velhos. Primeiro a rapariga. Vinte e tantos anos cheios de vivacidade. Passou parte de todo este tempo nos Hospitais, Ultimamente esteve no Sanatório de Celas e vendo próxima a hora pede à Mãe para vir morrer a casa. Antes da morte chama os irmãozitos, a mãe e a todos dá os últimos conselhos e por fim diz que vai dormir para Deus e adormece serenamente e para sempre.

O filho, de vinte e um anos,

saiu já há tempos do Sanatório de Covões e agora foi ainda para o Caramulo e dali veio um telegrama a dar a notícia da sua morte.

Aquela mãe hoje aflita e a soluçar aponta-me atrás da porta os três filhinhos mais novos também doentes. E conta-me que o médico e toda a gente a manda sair daquela casa onde a água entra e não

A meu lado estavam três rapazes dos novos, de lágrimas nos olhos.

Eu enquanto escutava, ia olhando para os meus sapatos salpicados de lama de ir ontem à noite ver um terreno grande que um paroquiano de S. Bartolo-meu quere oferecer para construção de casas. Fica à distância de três mil e duzentos metros da Estação Velha. E ao mesmo tempo ia pensando em tantos que têm bons terrenos disponíveis e os não querem dar.

Talvez fosse esta doação a sua

chave de salvação!...

Olho para esta família e para tantas outras em iguais e piores circunstâncias; vejo já tantas vontades a angariar dinheiro para construção e o terreno que temos a ficar tão longe!...

Mas para já, urge começar. Não olhamos mais a distâncias. Se ninguém vier com terrenos mais próximos e as autoridades não se atravessarem, daqui por pouco tempo quem passar na estrada do Porto para Coimbra há-

-de encontrar um grupo de casi. nhas para Pobres e os seus moradores a abençoar ou a amaldiçoar

No próximo domingo irei começar a percorrer as igrejas de Coimbra, uma a uma, e a falar a todas as Missas. A Doutrina é esta. Quem estiver presente vai ouvir isto.

Irei também falar das nossas oficinas. São elas agora o objecto das minhas horas. No dia dezasseis foi a primeira pedra. No fim da Santa Missa a que todos assistiram e muitos comungaram e durante a qual todos pedimos o mesmo auxílio do Pai do Céu, juntámo-nos à volta dos caboucos, e os quatro que hão de ser os primeiros mestres rebolaram a pedra. Foram o Pião (sa pateiro), o Nelas (ferreiro e serralheiro), o Figuei-redo (carpinteiro) e o Martelo (alfaiate).

Nesse mesmo dia o Pião (o maior vendedor de todo o país) fazia dezasseis anos. È o gaiato mais antigo da casa. Veio de pe quenino, de colo.

No fim partimos para Fátima a juntar-nos a muitos milhares de rapazes e raparigas de trabalho. Ali vivemos horas grandes naque-la consagração à Mãe do Céu.

Oue os frutos colhidos ali por tantos milhares de rapazes e raparigas perdurem nas almas generosas que os colheram.

PADRE HORÁCIO

Congresso Nacional da Juventude Trabalhadora

A nossa Obra também lá esteve representada com rapazes de Lisboa, Coimbra e Paço de Sousa, neste remate final do Congresso Nacional da Juventude Operária Católica, que teve lugar na Cova da Iria nos dias 16 e 17 de

rma, al, a side,

tão

tões,

Ex.a

há

dins

nea-

por

vam

de

ilho;

ada, topa uar-

ılém

nsti-

um

fei-

Nú-

: há

re-

abe-

cada

em

de

ibas.

nas,

diá-

há

de

rvir,

nas,

lins.

aga-

Val-

lter-

ape-

mo»

exo-

para

:las-

com

inda

sem

nés-

derá

ces-

ıdas

bem

e lu-

nter

itos

ara-

são

shu-

úde

D. O

s é

Ihe-

mos

se-

al-

8

Nós, os de Paço de Sousa, mal ali chegámos, fomos direitinhos ao Seminário Diocesano, onde fomos recebidos de braços abertos pelo nosso amigo Rev.º Snr. Dr. Bonifácio. Arranjou-nos umes caminhas e deu-nos, com toda a alegria, como é timbre dos pobres, do seu caldinho, enquento ali permanecemos.

Pôs-nos logo também um cicerone ao nosso dispor. Nesta altura, este vosso amigo separou-se do grupo, para ir a Aljustrel visitar os Pais de Jacinta e Francisco-os felizes videntes de Fátima.

As seis horas foi a concentração de todos os filiados da J.O.C. no Santuário de Nossa Senhora de Fátima. Era um aspecto imponente aquela Cruz feita pelos jovens trabalhado-

Houve Procissão, nela se rezava o Santo Terço e se entoavam cânticos adequados. A Juventude trabalhadora veio a este lugar sagrado, onde nossa Mãe veio contar as suas mágoas, pedir lhe que junte sua voz à nossa, para que nas nossas oficinas esteja o Jesus

Pedi Senhora, ao filho que concebestes, que é o nosso Irmão mais velho (e nós tanto O desprezamos!) que nos ajude nas nossas contrariedades, aflições, dissabores, enfim, que façamos das nossas fraquezas força, para trazermos para o Seu rebanho as ovelhas dispersas.

Haja fé e confiança, pois, no Divino Operário, e o filho do Carpinteiro de Nazaré, como Lhe chamavam naquele tempo, abençoará o nosso trabalho.

e adulterinos é bastante elevado em Ordins e Ribas.

3) São raras as profis sões femininas neste meio que ocupam diàriamente a mulher. Nem todas, pois, ganham cada dia 2\$00 ou 3\$00 secos...

4) Éminha opinião que o problema das indústrias femininas domésticas, remuneradas com justica, concorrerá grandemente para a moralização da mulher, dando-lhe o pão de cada dia e dando-lhe também o amor ao trabalho que, neste meio, por vezes, também não existe. Diminuirá o número das criadas de servir que aqui constitui um abuso, sob vários aspectos. Confiadamente espero que V. Ex.a. logo que possa, envide os seus esforços para resolver esta situação deshumana que atravessam as mulheres deste meio, estudando as indústrias domésticas a fundar, bem como os respectivos mercados de exportação.

Desde já, tudo agradece o que com os mais respeitosos cumprimentos, se susbscreve

A Bem da Nação Ordins, Lagares, 24 de Abril de 1955 De. Lives Amorim

O nosso pequenino quinzenal é o sítio de publicações desta natureza. O Relatório começa bem: aspirações de melhorar o trabalho feminino. Termina bem: A bem da Nação. No meio encontra-se o melhor: Amor do Próximo,

Este pequenino e interessante relatório, é uma demonstração: se um simples capelão sem recursos pode fazer tanto na sua área, o que não pode cada pároco na sua paróquia e todos em todas? Seria o comeco de uma assistência social eficiente, à base da paróquia. O País é feito delas. A sua multissecular organização, abre caminho.

O Estado, por meio da sua gente, não pode subir tão alto, mas pode, sim, e quere ajudar. Eu sei de fonte muito limpa que no Terreiro do Paço, espera-se por nós. E nós por quem esperamos? Vamos à formula e dê-se-lhe vida: Cada paróquia cuide dos seus problemas sociais.

Sem Ele não há alegria. Não há vida. Com Ele arranjaremos as forcas necessárias, para trazermos aqueles que não ouvem a palavra de Jesus, para a sua beira, onde sentirão o calor das suas chagas.

Se amenhã achares a Cruz pesada, não a renegues, luta sempre. Pede ao Mestre que te deite uma māozinha. Para a vitória, ser vitória, tem de haver luta. Nunca se viu ganhar uma batalha sem se ter lutado. A propósito, lembra a fábula: Duas rãs cairam dentro duma vasilha cheia de leite. Uma batalhou um bocado e às tantas dá-se por vencida. Deixa-se morrer. A outra batalhou, batalhou, batalhou sempre. As tantas fez manteiga, saindo vitoriosa.

O fim destes jovens trabalhadores é um fim nebre: fazer que Jesus ressuscite, viva e reine nas almas. Fazer que haja em nós e nossos irmãos, uma manhã de Páscoal

Podem fazer muito bem a Portugal e ao Mundo, tornando-se apóstolos. O Apóstolo tem de ser Luz, Força, Fogo que provém do Espírito Santo.

Gosto tento destes jócistas! São tão francos. Tão sinceros. Vão tão direitinhos às coisas, vendo-as como eles são. Falam com um calor que impressionam. São os mais espremidos e isso que os leva a dizer coisas grandes.

E assim mesmo. Não tenhais medo. Jesus val na barca, Ele que é a Suprema Magistratura, sofreu como nós não o eramos capaz.

Se nós quisermos, Ele não nega uma ajudazinha, pois é Pai. Um Pai tem sempre pena dum filho por mais mau que seja.

A rebeldia da massa operária vem em grande parte dos patrões, pois estes fazem duma pessoa que perante a vida eterna é tão digno como eles, escravo. Há-os que não olham a meios, só para gozarem, terem uma vida farta, de estravagância, em prejuízo de pais de filhos que não têm uma côdea sequer com que lhes matarem a fome.

Como é que não há-de haver doenças e enfraquecimento das massas?

E há tantes famílias nestas circunstâncias! Como fazer? Ficar assim? Não. Com a nossa arma, que é o Terço em punho, façamos alguma coisinha para o seu resgate.

Não deixemos viver em condições anormais em bairro de latas, folhas de árvores, vãos de escadas, etc., em piores condições que muitos cevados, seres humanos de corpo e alma!

A Casa do Gaiato tem, a este respeito, feito alguma coisinha, mas precisam da vossa dedicação, do vosso sangue que também é do Mestre, ó jovens trabalhadores!

Pode ser que com o nosso exemplo se condoam, deitem a mão à consciência e se lhes abra o coração! Em tudo confiança. Sempre confiançal

Patrões sem escrúpulos, sem coração. Se têm mil contos, querem dois mil, se dois mil, quatro mil e assim sucessivamente. Pois amigos que penseis assim, estais muito enganados. A realidade é bem cutral «Que vale ao homem ganhar o mundo inteiro, se no fim vier a perder a sua alma? »

Em Fátima disse se e ficou-me na alma: faça-se silêncio, parem se as máquinas, para que possamos dizer bem alto: Abaixo a escravidão! Abaixo as injustiças que se cometem para com os operários. E agora diz-se e fica aqui muito bem. Abaixo esses que vegetam no meio da sociedade, tentando corrompê-la. Abaixo estes sugadores que fazem caminhar o mundo para o declínio. Alguns ainda têm o atrevimento de se dize-

rem católicos.

Como membros do Corpo Místico de Cristo, a que pertencemos pelo carácter do baptismo, devemos fazer alguma coisinha para não estarmos tantas vezes em falta, pois cada vez que isto acontece, colocamos na Divina Cabeça, a a dolorosa Coroa de Espinhos.

Quando caimos devemos levantar-nos o mais depressa possível, pois assim como uma maçã pôdre no meio de um cabaz afecta as outras todas, assim nos poderemos afectar os membros mais próximos.

A juventude trabalhadora é a esperança do mundo cristão, pois é do trabalho que saem todas as forças, todas as virtudes.

Hoje fabricam-se bombas, armas e organizam-se exércitos, mas não haverá Paz no mundo, enquanto, de coração e olhos ao alto não soubermos dizer:

Pat Nosso, que estais nos Céusl

Daniel Borges da Silve

ATENÇÃO

Olhem o Dia da Pasta na Queima das Fitas.

Olhem a festa do Coliseu na noite de 2 de Junho. Agucem a curiosidade, que «Viagens» está a sair.

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

Soube, outro dia, que a Lavoura caminha para uma crise de super-produção. Não conheço Economia, tão pouco Finanças. Dum ponto sei alguma coisinha, - da miséria e sub-alimentação em que se debate o povo da aldeia. Tiva já, a feliz oportunidade de focar este problema agudíssimo, várias vezes e sucintamente, neste pequeno cantinho do nosso «Gaiato».

Repito: na minha ignorância de altas economias e por isso, saltam ao meu pensamento algumas perguntas inocentes: Será que a dita crise seja em grande parte agravada pelo baixo nível de vida e fraco poder de compra das populações? Ora se o progresso técnico e científico e o melhor aproveitamento das terras permitem colher mais e em melhor qualidade, porque não um progresso paralelo no sentido de se proporcionar, por exemplo, ao trabalhador rural—o mais sacrificado e abandonado—a poder comprar o que necessita?

Em conclusão: A Natureza não falta. Os homens é que sim. Problema complexo? Possam os subalimentados adquirir o indispensável e as sobras amanhã são nada. O que cresce ou vai crescer, é o que falta nos lares de milhares de portugueses.

O que recebemon- A abrir temos Vila Real com 20\$00 do assinante 18.331. Aurélio Gomes, de algures, fecha contas com o jornal e diz que vão mais 5\$00 para os pobres da Conferência. Dum Senhor Engenheiro, por graça de Deus ora no Seminário da Sé do Porto, 10\$00. De Lourenço Marques, assinante 29.359, pede que seja entregue aos nossos pobres, o remanescente do pagamento da assinatura, 70\$00. Jorge F. Pereira, de Lisbea, 10\$30. Agora, um postal: Fiz a promessa de dar uma sopa diária durante um ano, a um pobre. Encarrego a vossa Conferência de dar a sopa e enviarei mensal-mente 30,500 para esse fim. Combinado? Ora bem. Vamos então combinar: evidentemente que não podemos e não temos organização para distribuir sopas, mas vamos pelo lado mais prático se achar bem: em vez da dita, porque não entregar os 30\$00 mensalmente ao Pobre e ele por suas mãos cozinhá-la? De algures, um pedacinho de papel e a legenda: o que sobrar é para a Conferência — 20\$00. Agora temos o Melo que sobe as escadas da Tipografía e entrega 20\$00 que disse serem oferte dum Senhor Engenheiro que aqui esteve. Foi o que conseguimos apurar. Do Seminário de Almada, 10\$. Aires Mourinho, assíduo subscritor, 20\$00 de Março e Abril. A assinante 23.222, de Salgueiro, pede por tudo que não publiquemos o nome e manda 30\$00. E 50\$00 da assinante 1.265, de Lisboa. E para acabar temos o assinante 20.114, de Chaves, com 40\$00, lamentando não poder dar mais. A todos, como é costume, aqui registamos o penhor da nossa gratidão.

PELAS CASAS DO GAIATO

Estamos no tempo das inaugurações. No dia 8 de Maio vamos entregar mais duas casas aos nossos pobres em Pintéus que era a terra de D. Maria Amália Vaz de Carvalho. onde ainda está o palácio onde ela vivev, quase em ruinas.

No mesmo dia vai ser entregue a primeira casa da Cooperativa dos rapazes da J. O. C.

-No dia 28 vai ser inaugurada a nossa estrada que está em construção desde Novembro. Andam já a fazer as calçadas e logo a seguir vai ser alcatroada

Os senhores que tem espadas e que tinham, medo de că vir, por a estrada não prestar, agora já podem vir sem estragar os carros.

Como o tempo tem estado muito bom, comecaram a vir excursões com muita gente!

Há dias vieram rapazes e crianças da catequese de S Domingos de Lisboa. No mesmo dia vieram também os de S. Domingos de Benfica. Hoje estiveram muitos senhores de Queluz. Daqui a diante começam a vir escursões dos Liceus e Escolas Co-

Nós também saimos uma vez por outra. Seis foram ao Congresso da J. O. C. a Fátima e já têm

ido alguns ao Futebol a Lisboa.

nossa disposição.

 O Tabordas está todo contente porque já tem pintaínhos para criar. Passa a vida nos galinheiros ver se está alguma galinha choca. Mas o ano tem corrido melhor para as pulgas que para os pintos. Não sei porque que é que nascem poucos.

-O Jaquim, o tratador das vacar, já tinha um bigode que até metia respeito O Risonho aquele que vendia o jornal nas Companhias, vai huscar o uma gilete de barbear e toca de rapar o bigode ao

Aqui, Lisboa!

sidades que nos confundem. Hoje

mesmo o Presidente telefona a dar

conti dis numerosas passadas,

à procura de baldios para os pôr à

virá também um dia a dar num

estrondoso abrir de alas. Eu até

passava sem comer se tivesse uma

casinha, dizia a mãe dos catorze

filhos do engraxador. E a Assis-

tente Social que lhe tem acudido

nas horas amargas, diz que não

tem conta os milhões de unidades

de penicilina, promicina se estrep-

tomicinas etc., fornecidas para

atacar as sombras das crianças.

Tudo afinal se resolvia com um

pouco de sol, tão amigo, tão quen-tinho e tão barato! Mas como

menos fosse já em uso em Lisboa

a propriedade horizontal, bem

poderíamos obter um andar em

de vir a dispor, mais tarde, de alguns prédios deixados aos desher-

dados do Património, pelos que não têm herdeiros. Muito verá

Ai Património! Ainda se ao

Resta-nos também a esperança

PADRE ADRIANO

pode ele entrar em tugúrios?

qualquer praça alegre...

quem tiver fé

O não da Câmara de Lisboa

Jaquim. Depois ele viu-se ao espelho e começou a rir-se à gargalhada, por ter sido a primeira vez que fazia a barba! Joaquim A. Gouveta Marques

PAÇO DE SOUSA Começou o hoquei, com ele, as desordens, as mocas nos refeitórios, nas oficinas, nas camaratas. Enfim, mocas para baixo, mocas para cima, um nunca acabar de mocas. Não faltam caneladas, esmorradelas e a senhora do hospital a ter de fazer horas extrordinárias, pois dificilmente dá vazão

Os mais animadores disto são os tipógrafos. os carpinteiros e os ferreiros.

-O nosso grupo de futebol está em forma. Tem treinado todas as semanas e os nossos adversários têm comido por medida de .S. Miguel.

Agora chegou a vez às «Águias do Outeiro Futebol Clubes, que perderam com as nossas reservas por 8-2.

De salientar a correcção e o desportivismo do nosso digno adversário, que scube compreender e aceitar a derrota sem azedumes.

O nosse adversário alinhou: Batista; António, Ramboia e David; Valdemar e José Rosas; Alberto, Moura, Loureiro, Ferreira e Clemente.

-Começaram as excursões. De todos os lados chegam grupos excursionistas, que vêm visitar

Ficam todos admirados com a nossa tipografía, com a cozinha e seus panelões, ferreiros, carpinteiros, sapateiros, alfaiates, casa de lavoura, porcos, os teares, galinhas, as pavoas, pois temos três e é pena não termos um pavão.

 O Sejaquim tem-se visto suadinho, pois estă a ensaiar todos os dias, devido à malta que vai ao Coliseu do Porto e ao Cine de Aveiro.

Todos querem ir, reinando por isso, cá em casa grande alegria. Começam a pedir ao Pai Américo. «Eu queria ir dizer um papel. Eu é que sei». E os mais armantes ao Sejaquim: «Deixe-me ir cantar uma cançoneta». Os que têm a voz mais bonita dizem, para ver se o Sejaquim os gaba: Não tenho uma voz lá muito boa, pois não? Eu não queria assim... Mas ele já conhece es músicos e a coisada não pega!

Com todas estas coisas, esperamos que estas festas vão ser o mais sgradável possível.

-Dentro de breves dias, partirá para a África Portuguesa, mais um dos nossos irmãos. É o Manuel Maria Dias, o pedreiro, que esteve muitos anos nas nossas casas de Miranda, Tojal e por filtimo em Paço de Sousa.

Meu amigo: não te esqueças de nós, das nossas cficinas, da nossa capelinha, dos nossos costumes, do nosso terço rezado agora com o calor, nas escadas da capela, do cruzeiro, das escolas e de casa-mãe.

Todas estas coisas te vão fazer muita falta, pois agora é que vão começar a aparecer-te os primeiros espinhos. Numa vida sem contrariedades, nunca se pode ser totalmente feliz. Vê la Manuel; olha que os olhos do mundo são muito grandes, assim como a fé dos teus irmãos que depositam em ti enorme confiança. Oxalá que sejas querido aos olhos da sociedade, que tanto precisa de boas vontades, fortes e decididas.

Que a Virgem Mãe te traga sempre debaixo de Seu manto. Mas tens de lembrar-te que para que isso suceda é preciso fazer alguma coisinha, por pouco que seja.

Em nome dos restantes irmãos, te envio um grande abraço.

Que lá longe, na nossa África, tu Manuel estejas na nossa aldeia. Muitas felicidades te deseja o amigo, sempre

ao dispor.

Daniel Borges da Silva

ISTO É A CASA DO GAIATO

tirados por uma galinha. Quando botaram os ovos, por engano ou quê, junto com os de pata foi um ovo de galinha. Acontece que o pintainho nasce e os patos não. Este foi posto na cozinha dentro de uma ceira de figos, daquelas que o Senhor dos figos nos costuma vir trazer todos os anos a dezanove de Março; e oxalá por muitos. Pois o pintainho vivia dentro da ceira e porque entregue a todos, era mui mal entregado e andava em grandes riscos. O mistério envolvia a curiosidade de todos: porque é que saiu o pintainho e ficaram os patos, sendo que a galinha tomou conta dos ovos no mesmo dia?! E o certo é que todos nos andamos envolvidos neste e noutros mistérios, mesmo aqueles homens (e são tantos) que ateimam em não entrar nas portas da metafísica. Os dias iam correndo. O pintainho era o assunto. Eu estava ao corrente de tudo. Sendo que o senhor padre engenheiro está, o certo é que as coisas importantes ainda é a mim que vêm dar. Eu sabia de tudo. Até ao meu quarto de dormir, por duas vezes, que me lembre, foi o Ber-nardino levar o pintainho! Nem horas, nem lugar. Nada se respei-ta. O pintainho é que era. Até que um dia deu-se o inevitável. No trânsito da cozinha e à hora de mais aperto, ele foi atropelado e morreu. Anda hoje a galinha com os patos atrás. * * Se vamos a mistérios há um

maior que a gestação do pintainho; tamanho que só de joelhos. O Bernardino fugiu! Juntamente com ele o Récio. Andam por lá. O primeiro tem dezassete e o segundo tem dezanove. Vieram para nos em pequeninos. Padre Carlos mais eu, ficamo nos a olhar os fugitivos, as consequências, os perigos, tudo. Quereríamos penetrar, conhecer, remediar. Gostariamos de estudar outros sistemas. Explorar cami nhos diferentes. E ficamos ambos por muito tempo mergulhados na tristeza da nossa insuficiência, com a esperança de que Deus venha a dar a Sua hora aos dois que deixaram a casa. Amen.

* A saída dos Batatas depois do jantar coincide com a minha hora no meu refeitório. Dois dos mais pequeninos, têm por hábito demorar-se ali perto da janela a folgar. O Antoninho, meu refeitoreiro, que está farto de os ver a toda a hora e por toda a parte, ali gosta mais e assim é que me deixa sòzinho e vai colocar-se Olha os dois irmao no peitoril. zitos com ternura inenarrável. Manda-lhes beijos nas pontas dos dedos. Volta-se para mim com um sorriso só dele e exclama: olhe que pequeninos/ Analisemos este facto tão simples e tiremos a conclusão. Qual é a força que inebria este meu refeitoreiro, que também é pequenino, a pontos de esquecer a sua obrigação? Deixar tudo por fazer na hora em que tem de ser feito. Namorar os dois pequeninos que ele vê a toda a hora; -aonde a razão? Na liberdade que ele tem. Liberdade de agir, de pensar, de se mover, de falar. Liberdade até de transgredir, a ponto de me fazer esperar. Isto é maravilhoso. Temos aqui o elemento da criança. Se assim se não faz um homem, não há nada nem ninguém que o faça.

Anda aí uma ninhada de patos * * * O Formiga, como já aqui destes rapazes que risca e manda foi dito, voltou à obrigação das capoeiras. Nos meios afectos à casa-mãe este regresso foi muito bem visto. Ora acontece que o Formiga veio-me fazer queixa da senhora da cozinha por ter vendido a visitantes duas galinhas brancas: as mais bonitas que eu tinha. Momentos depois, foi-me preciso ir ao escritório aonde o Avelino tem o cofre e tendo visto dentro dele uma caixa com dinheiro dentro, pergunto e ouvi: é o ninho da senhora da cosinha. Juntando as coisas e sem nada perguntar à senhora, ficamos a saber que ela vende e faz ninho. Resultado? Compras. Tem coberto de pedra--mármore todas as mesas e todos os armários. Uma cantoneira do mesmo material para colocar o relogio. Sempre que vai ao Porto, sabido é que no dia seguinte temos novidade. A última são duas grandes cortinas numa das janelas da copa com enfeites de chita a fazer de renda-uma câ nara ardente! Eu peço aos visitantes que não deixem de ver, e estou certo que hão-de dar razão ao Formi-

* * * O Tomar segundo e digo segundo porque temos o Bonifácio que é o primeiro; pois o Tomar, dizia, resolveu fugir. Ele é um vendedor de classe. Tem grande ascendente sobre os outros. É e é obedecido. Foi no Porto e terminada a venda, que o rapaz resolveu executar o seu plano de fuga. Antes de o fazer, porém, toma uma folha de papel e escreve ao seu amigo Alberto esta carta:

sitos na Rua de S. António-10 h. Para o Guilhufe a Companhia dos Telefones, para o Toupeira a Alfândega, e o Crédito na Rua Sampaio Bruno. Para o Banana, Polícia Internacional. Para o Quim vai às 8,15 ao Café Guarani e deixa lá 8 e diz que é para o Sr. Américo. Para o Artur, Padaria Céres. Macaquito, Banco Lisboa e Açores. Rosário, João Tomaz Cardoso rua Sá da Bandeira. Alcino, Estilográ-fica e o Quim que vá àquele freguês da Avenida dos Aliados e ao Café Rivoli e a minha zona é para o Jaimito.

Temos aqui uma declaração de muito amor à sua colmeia. É um misto de aventura e indecisão. O zelo da obrigação que não cumpriu, enche-o. Quem pode deci-frar? O seu primeiro lanço, foi Porto-Espinho. Ali é interceptado. A polícia quere saber. Ele embrulha e por fim cai na verdade. Af vem o telefone a perguntar e lá vai a nossa resposta: ponha o homem na rua e deixe seguir. Tomar entra de novo na posse dos seus movimentos e suas delibera-

«Vais à Cuixa Geral de Depó-

trada em fora, não levou muito que não passe a caminheta que o havia de levar. Quem pode resistir ao bracito ousado posto no meio da estrada? E assim arranja a primeira boleia que durou até à Figueira. Comer? Isso não im-porta. Nós cá é que andamos sempre com o pensamento nessa coisa banal. Tomar não. Ele vai de levada. Tem saudades. Quere ver os seus. Nova boleia e aí o temos na sua terra natal. Mas dá -se algo dentro de si. É que ele, tempo antes, estivera ali com seu irmão. Foram com licença minha, por isso mesmo sairam com todas as honras e ali foram por todos honrados. Agora o caso é diferente. È um fugitivo. Ele mesmo sente, vê e compreende. A consciência! Horas depois regressa. Até ao Entroncamento foi um senhor que lhe pagou a passagem. E agora? Agora nada. O Tomar segundo acabava de vencer o vexame da sua terra natal e ganha forças. Em Paço de Sousa também tem amigos. Ali é já um seu cantinho. O primeiro combóio que passa, ele abre a porta e mete-se dentro como qualquer passageiro. Perto da Alfarelos aparece o revisor. Agora é que vão ser elas! O fugitivo tem encantos de sedutor. Uma voz muito timbrada. Olhos pretos e brilhantes. Que pena eu tenho da mãe que o trouxe no ventre, não poder hoje gozar a sua posse total! Antes que o rapaz falasse foi o revisor que disse: tu és gaiato. Um passageiro desconhecido, escuta a conversa. O mesmo revisor dissera-lhe tu fugiste e é justamente aqui que o visinho acode: Mas tu vais a caminho da Casa do Gaiato, meu filho? O sim do fugitivo foi o custo da viagem. Não sei de quem se trata. Não posso agrade-cer. Que importa? Maior será a sua recompensa. Segundo o Tomar, este mesmo passageiro cobriu-o de bons conselhos e disse--lhe ternuras. A piedade a falari Chegado a S. Bento dirige-se ao Lar do Porto aonde o senhor padre Carlos o recebe e aí vem o castigo; ir a pé para Paço de Sousa. Tomar cumpriu. Chegou aqui derreado e confessou a todos os seus colegas que nunca mais. Quem quiser ouvir esta história da sua própria boca, não tem mais que perguntar lhe. Ele é o rei dos vendedores. E o Tomar. * * Hoje, estando eu sentado e já

ções. Fugir não é um mal. Es-

no fim da refeição, sou chamado pelo Antoninho: olhe acolá. Era uma bicha dos mais pequenos, não sei quantos, mas um ror, de cal-xotas na mão. Vão ós grilos. A natureza não engana. A horas marcadas vêm. Chegou o tempo. O instinto também não; o rapaz sabe que os grilos chegaram.

Antoninho, ali ao pé de mim e com muita pena de os não poder acompanhar, dá em explicar-me: vai-se com uma palheira ao fundo da toca e o grilo sai. Sem se lembrar e até, saber, que justamente como os seus companheiros de agora, também eu ia aos grilos, quando era pequenino. Nos somos todos da mesma marca.

Antoninho pediu-me então. Já antes o havia feito e agora não me larga. Quere ir à festa do Coliseu com um discurso dos grilos: faça-me um papel dos grilos. Ora eu confesso que não é nada fácil.

PRESENCA

Presença foi a palavra do Papa na Festa Maior do ano cristão.

O Mestre ressuscitou e está no meio de nos. Continua vivo entre nós até ao fim dos tempos.

A natureza humana, ao ser dotada n'Ele, pela vez primeira, com os caracteres gloriosos, ficou para sempre capaz daqueles dons. Bastaria que os homens aderissem a Cristo ressuscitado. Aderissem na sua vida humana divinizada, copiando da Vida d'Ele, vida divina humanizada

Jesus tornou-se definitivamente o ponto de encontro entre Deus e os homens. Aqueles de boa vontade que se não fecharam à evidência da Ressurreição, deixaram de poder dizer das suas vidas: isto divino, aquilo humano, porque tudo neles passou a um ser novo, divino-humano.

A mensagem do Papa nesta Páscoa é uma tal afirmação.

«Para o cristão, a quem a verdade da Ressurreição ilumina, a fé é vida plena e essencial, em comunhão com Cristo na Igreja.

Como poderá portanto o crente separar em si religião e vida, sem dividir mortalmente o proprio ser e sem transformar, como insensato, a obra de Deus?

Seja portanto viva a vossa fé; quer dizer, seja ardente e vivida, de modo que a religião dirija a vida, e a vida se torne contínuo acto da religião. Na verdade, quanto mais profundamente está o cristão radicado na fé, tanto mais prontamente cumpre os deveres que a vida lhe impõe, e tanto mais eficazmente opera quando deve desempenhar os altos car gos e obrigações de promover o bem social, a obra pública e a pacífica convivência dos povos.»

Deste princípio, o Santo Padre,

descendo ao concreto de alguns dos maiores problemas humanos actuais, chama a atenção dos homens às consequências eternas que esses problemas lhes podem trazer conforme resolvidos à luz de Cristo ou longe dela. O desarmamento, a investigação científica, «os recentes progressos que levaram a bom termo a tentativa de mover um navio com energia originada em transmutações nucleares», os perigos da genética, o uso de radiações no desenvolvimento dos vegetais e na conservação dos frutos-são outros tantos pontos tão terrenos (nos pareceml) que o Papa não desdenha sublinhar no aniversário da Redenção.

Acerca deste último ponto diz mesmo: «Podem essas investigações contribuir para resolver os problemas da alimentação, que tanta importância têm na vida da humanidade.» Vida—quer dizer o Papa-Vida eterna, começada nes-

ta rase temporar. Finalmente o seu pensamento paternal e a Sua Benção dirigem-se «às multidões desoladas dos pobres espalhados pelo mundo, que são os mais vizinhos do Nosso coração; às famílias a que falta tudo; aos doentes que sofrem nos hospitais, nos sanatórios e nas clínicas; aos miseráveis detidos nas prisões; e a todos os outros oprimidos pela dor -para que da misericórdia de Deus e do amor dos bons recebam todos copioso conforto e auxílio».

Ora se há quem julge ou diga, que a Igreja cuida sòmente de almas em desprezo do homem total, tem aqui, na mais autorizada palavra proferível no Seu seio, o completo desmentido de um ruim engano.

P. Carlos